

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XIV



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1975

consagra os capítulos VI-IX. No X reúne alguns vidros de origem geográfica duvidosa ou até talvez pré-romana.

Após a sua monumental obra sobre *Late Roman Pottery*, sistematizadora de formas e fabricos, esclarecedora de origens e cronologias, Hayes publica agora obra de género muito diferente mas assente no mesmo vastíssimo conhecimento da bibliografia e na mesma sagaz atenção aos fabricos, obra que passa a figurar entre os estudos mais completos sobre os vidros romanos do Próximo Oriente.

J. ALARCÃO

Sandro STUCCHI, *Architettura cirenaica*. Roma, L'Erma di Bretschneider, 1975.
1 vol., XII + 696 p., ilustr., 6 plantas soltas desdobráveis.

Os Gregos, desembarcados em Plateia no segundo terço do século VII a.C., numa terra que as condições climáticas da época tornavam fértil, trouxeram à pátria dos Líbios a arquitectura clássica, cujas origens, desenvolvimento e realizações desde esses recuados tempos até ao século VI d. C. são objecto deste novo volume das Monografias de Arqueologia Líbica, ele mesmo monumental pelo tomo, a erudição, a ilustração excelente, a clara sistematização.

Stucchi examina, fase por fase, as realizações da arquitectura sacra (templos, altares, basílicas paleocristãs), da arquitectura civil pública (pórticos, teatros, termas, arcos, etc.) ou privada (casas, túmulos). No início de cada capítulo, brevíssimas notas sobre a vida económica ou sócio-política constituem, não a pormenorizada justificação dos monumentos, mas, pelo menos, o repetido aviso de que as obras da arquitectura traduzem as circunstâncias da vida económica ou do poder político e não podem interpretar-se apenas em termos de uma evolução de técnicas e de gostos. Os monumentos descritos são localizados com exactidão; e se fizermos a leitura tendo à nossa frente as plantas das cidades cirenaicas que o autor apresenta em folhas soltas desdobráveis, podemos ir seguindo o desenvolvimento dos centros monumentais urbanos.

As reconstituições dos edifícios, cuidadosas e estudadas, em vistas exteriores frontais ou perspectivadas, ou ainda em cortes, a utilização de gravuras antigas, as fotografias abundantes dos monumentos bem conservados (alguns deles objecto de anastilose) dispensam grandes esforços para imaginar como terão aparecido aos seus contemporâneos os grandes monumentos da Gíneraica.

A utilização sistemática de fontes epigráficas e literárias, por seu lado, não só ajuda o autor à identificação dos edifícios como os coloca melhor no seu tempo. No índice final dessas fontes tomamos mais global consciência de como Stucchi utilizou de maneira exaustiva textos literários e epígrafes.

Não podemos, talvez, concordar inteiramente com o autor quando considera que os raros monumentos da primeira fase (último terço do séc. VII a.G. e primeira metade do VI) são independentes de tradições líbicas (das quais pouco conhecemos) e só encontram paralelos no mundo grego. Quer a planta do santuário de Ófeles de Cirene (com tripla cela), quer os túmulos em forma de mamôa parecem, com efeito, uma tradição do Mediterrâneo oriental (provavelmente influente na metade ocidental do mesmo mar) e não se podem considerar fenômenos especificamente gregos.

Mais abundantes são já os monumentos do período que se estende dos meados do séc. VI até c. 440 a.G. (queda da monarquia). O Apolónion e o templo de Zeus de Cirene são os dois principais edifícios sacros da época, um e outro tornados posteriormente mais monumentais pela edificação de uma perístase. Mas nem um nem outro estabelecem, quanto à planta, modelos posteriormente repetidos. Pelo contrário, os túmulos rupestres com fachada arquitectónica, esses irão multiplicar-se em fases subsequentes.

No período republicano (de c. 440 ao advento do domínio ptolomaico), surgem os grandes altares sobre o comprido, com guardas laterais bovifrontes e três ou mais degraus de acesso ao patamar de celebração (prótise), os templos in antis com duas colunas independentes e meias colunas adossadas aos muros laterais, pelo lado de dentro (a anta cirenaica), os túmulos em forma de templete ou de sarcófago gigante; multiplicam-se os pórticos que acolhem uma vida de relações públicas favorecida pelas instituições republicanas. Nesta fase ainda, a severidade da ordem dórica até então imperante é atenuada por motivos jónicos sobretudo nas molduras dos monumentos e nas guarnições das portas. Curiosamente, é fora de Cirene que se encontram os exemplos mais vistosos deste ionismo.

Ao contrário de Rowe, Stucchi considera que o período de ouro da arquitectura cirenaica é o republicano e não o ptolomaico que se lhe segue. No helenístico, a Cirenaica vive do passado, que actualiza sem inovar. Se isto é verdade em outros campos, como o mostrou Frazer no seu estudo da Alexandria ptolomaica, também o é na arquitectura. A par de uma corrente clássica, isto é, dórica, mesmo a outra tendência da arquitectura helenística cirenaica, ou seja, a fusão das ordens dórica e jónica, não é novidade. No período ptolomaico cabem, porém, alguns dos grandes monumentos da Cirenaica, designadamente o Ginásio de Cirene, cuja cronologia Stucchi precisa: monumento erguido nos meados do século I a.C. e não, como outros autores entendem, nos fins do I a.C., ligeiramente restaurado nos inícios da época imperial romana, e acrescentado com uma basílica no último quartel do século I d.C., a partir do qual toma o nome de Cesareu (sem qualquer relação com Júlio César) e finalmente provido, nos meados do século II d.C., de um templo à memória de Adriano.

A arquitectura doméstica desta época é mais conhecida que a dos períodos anteriores. Generaliza-se a casa com peristilo e dependências em dois lados contíguos do mesmo, dispostas, por conseguinte, em L; não desaparece, todavia, a planta de dependências situadas em dois lados opostos do

peristilo. No capítulo da arquitectura funerária, a influência da doméstica é visível na introdução de pórticos reais na fachada de túmulos rupestres, nos pátios murados que antecedem os túmulos ou nas câmaras internas cujas paredes são afeiçoadas a imitar as fachadas viradas ao peristilo. Os túmulos em forma de templete ou as construções compósitas de templete sobre hipogeu (influência do hipossório da Lícia) são outras formas, menos comuns, de uma arquitectura funerária particularmente rica no período ptolomaico.

O domínio romano não traz novidades apreciáveis à arquitectura Cirenaica, cujos padrões permanecem sensivelmente os mesmos até à época de Trajano. Deste reinado data o primeiro edifício termal da província, em Berenice, assim como o templo de Hécate de Cirene, com pódio de tipo itálico, embora baixo, e fachada tetrastila coríntia.

A revolta judaica da província entre 115 e 117 e a sanha dos judeus contra os monumentos trouxe uma destruição que motivou, logo a seguir, uma considerável actividade no sector da construção pública. É neste período, que Stucchi leva até ao terramoto de 262, que se acelera o processo da romanização da arquitectura Cirenaica, conducente ao barroquismo da época severiana, que procura efeitos plásticos e cromáticos. As ruas porticadas de Cirene e Ptolemais monumentalizam a cidade e escondem a heterogeneidade e desalinhamento dos edifícios. Vários pequenos templos, anteriormente reduzidos a *oikoi*, são reconstituídos com *pronaos*, à maneira romana. As ordens dórica e jónica são substituídas pela coríntia. Multiplicam-se os teatros com características próprias na *scenae frons* rectilínea.

No período decorrente entre os terramotos de 262 e 365 são raras as construções novas de templos pagãos, embora se não encontrem ainda vestígios de basílicas cristãs. O arco de Constantino em Ptolemais é porventura o monumento mais importante deste período, com suas colunas torsas (novidade da época constantiniana), sua animação obtida por meios não escultóricos mas puramente arquitectónicos de nichos e ventanas.

Stucchi leva finalmente o seu estudo da arquitectura Cirenaica de 365 a 642, data da ocupação árabe. As basílicas cristãs construídas desde a 1.^a metade do século v d.C., num país que o terramoto de 365 todavia arruinou e a secura progressiva ia tornando pobre, são numerosas. Revendo os trabalhos de Romanelli e Caputo, Goodchild e Ward-Perkins, Stucchi consagra a essas basílicas um estudo atento, distingue construções e reconstruções, insere as basílicas numa série cronológica, identifica características próprias provinciais. As 80 páginas que consagra à arquitectura sacra cristã constituem uma bela síntese do assunto, síntese que o autor todavia considera apenas um ponto de partida.

A arquitectura doméstica desta última fase, pode, dada a abundância das ruínas, estudar-se com vagar. A tendência a substituir os peristilos porticados por pátios com aberturas em arcada de penetração no corredor circundante, e a dessaxialização das dependências, dispostas agora numa maneira mais livre e mais a gosto ou à conveniência dos habitantes, são traços que Stucchi não deixa de sublinhar.

Os *gsur*, falsamente apresentados por alguns como fortalezas e justamente definidos por Stucchi como centros de exploração agrícola, merecem a atenção do autor, que procura seriá-los e definir-lhes uma evolução.

O volume de Stucchi cumpre integralmente as intenções do autor: apresentar um primeiro enquadramento sistemático da arquitectura cirenaica antiga. O tratamento cronológico pelo qual o autor teve a coragem de optar dá-nos clara ideia da evolução. Os índices topográfico e analítico finais permitem encontrar facilmente o que respeita a qualquer cidade ou monumento.

Obra corajosa no método, paciente no inventário, erudita na bibliografia, rica na ilustração, sensível na apreciação estética, fecunda nos ensaios de seriação cronológica.

J. ALARCÃO

Quaderni di Archeologia della Libia, 7 (1975). Roma, «L'Erma» di Bretschneider

A maior parte deste volume é ocupada pelo estudo de Angelis d'Ossat e Raffaella Farioli sobre o complexo paleocristão de Breviglieri. Distante pouco mais de 50 quilómetros de Leptis Magna, objecto de breves estudos de Gaputo, Ward-Perkins e Goodchild, a basílica de Breviglieri é demoradamente analisada neste artigo, que lhe salienta a unidade e originalidade da planta, lhe reconhece o equilíbrio da articulação interna, a integra, pelo prismaticismo do seu aspecto externo, nas tradições africanas e lhe sugere uma cronologia (meados do séc. vi).

O catálogo completo da escultura arquitectónica decorativa, que compreende enquadramentos de janelas, mísulas, impostas, capitéis, etc., é precedido de um inteligente estudo crítico. O estilo anti-clássico e antinaturalista da decoração, manifesto na simplificação das massas e dos contrastes de claro-escuro, é particularmente evidente na representação do cacho de uvas. Elementos romanos, bizantinos e vandálicos são recriados por artistas populares. Esta recriação «bárbara» verifica-se não apenas na maneira de traçar e lavar a decoração mas até na própria concepção das massas dos elementos arquitectónicos decorados. O capitel da fig. 52 é um bom exemplo de elemento esquematicamente concebido: é um paralelepípedo sobre um cilindro, sem que o artista tenha aproveitado o recurso da folhagem coríntia para encobrir as massas e disfarçar a transição de um a outro elemento.

A posição e forma do cibório, a arquitectura interna das naves, o baptistério, são outros aspectos que merecem a atenção dos autores.

Este volume dos *Quaderni di Archeologia della Libia* contém ainda um estudo de Antonino de Vita sobre a reconstrução do arco dos Severos em